



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10832 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 17 - Educação Ambiental

LITERATURA INDÍGENA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO TERRITÓRIO ESCOLAR:  
NOTAS SOBRE OUTRA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO HUMANA

Carlos Renato Carola - UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense

### **LITERATURA INDÍGENA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO TERRITÓRIO ESCOLAR: NOTAS SOBRE OUTRA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO HUMANA**

A presente pesquisa teve como objetivo principal “descobrir” a história, a cultura e as formas de ver o mundo pela estética da literatura indígena brasileira, a fim de transgredir o domínio das narrativas coloniais e os imperativos epistemológicos da modernidade (QUIJANO, 2005; DUSSEL, 2016; MIGNOLO, 2020). Abordamos a literatura indígena na perspectiva decolonial articulada com o pensamento indígena (Davi KOPENAWA, 2015; Ailton KRENAK, 2019; Daniel MUDURUKU, 2017 e 2019; Eliane POTIGUARA, 2018) e a Educação Ambiental na perspectiva humanista de Paulo Freire. (DICKMANN e CARNEIRO, 2016).

A teoria decolonial adverte sobre a continuidade e funcionalidade da modernidade/colonialidade no mundo contemporâneo globalizado; e problematiza o monopólio epistemológico eurocentrista que se difunde pela ciência e pelos paradigmas teóricos, juntamente com as políticas educacionais que se planeja e se propaga pelas instituições euro-ocidentais (escolas, universidades, organismos internacionais). Do pensamento ameríndio apreendemos uma cosmologia que não se submete aos imperativos da racionalidade moderna. Quando reconhecemos o ponto de vista das culturas indígenas, aprendemos a exercitar uma alteridade intercultural que nos convida a compreender um “perspectivismo” que nos apresenta um outro entendimento de humanidade.

Na cosmologia ocidental que explica a origem humana, os humanos foram criados por um Deus todo poderoso (tradição judaico-cristã) ou evoluíram da condição original de animais para humanos (Ciência Moderna/Ciências Biológica), duas explicações antropocentristas. Na cosmologia ameríndia, “a condição original comum aos humanos e animais não é a animalidade, mas a humanidade.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2020, p. 308).

A cosmologia ocidental acentua a diferença entre cultura e natureza, em detrimento desta; o perspectivismo da cosmologia indígena mostra um ponto de vista multinaturalista, ou seja, “os mitos contam como os animais perderam os atributos herdados ou mantidos pelos humanos” e “os animais são ex-humanos, e não os humanos ex-animais.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2020, p. 308).

As palavras de Davi Copenawa (2015) e Ailton Krenak (2019) nos ensinam a ver o mundo do ponto de vista dos humanos não modernos, dos animais que também “são gente”, das pedras e montanhas que tem vida e personalidade, dos espíritos que estão em todos os lugares e corpos. Em *A queda do céu*, Copenawa conta a história do seu povo e a sua percepção da conturbada vida do homem branco moderno em suas andanças pelo mundo. Kenak vem compartilhando suas “ideias para adiar o fim do mundo”; e Eliane Potiguara (2018) conta sua história de vida, compartilhando e denunciando a violência interminável contra os povos originários, principalmente contra a mulher indígena; e ao mesmo tempo mostra a capacidade de resistência e resiliências das culturas indígenas, sendo ela própria uma das vozes mais ativa e atuante da resistência indígena

A Literatura Indígena brasileira constitui-se como um movimento protagonizado por indígenas que visam, através de sua poética singular e universo vocabular próprios, se contrapor às narrativas coloniais e modernas, que por muito tempo representaram os povos originários de maneira exógena e caricata. A articulação do movimento indígena em meados dos anos 1970, possibilitou o aumento da visibilidade desses povos no cenário nacional, o que culminou em um processo educativo tanto para os não-indígenas, como para as novas gerações de indígenas, que, inspiradas pelas novas possibilidades advindas dessa articulação, tornaram-se “indígenas em movimento”, ocupando espaços e divulgando sua cultura através das artes e da literatura.

Buscamos inquirir de que forma as cosmovisões indígenas, expressas por meio da literatura, podem contribuir na formação complementar de professores para uma identidade ambiental de pertencimento a Pachamama. O contato de professores com a literatura indígena abre um portal de alteridade profunda com a cultura e cosmologia dos povos originários, alternativas às narrativas literárias do modelo euro-ocidental, contribuindo especialmente para o entendimento da História de formação do Brasil como uma sociedade plurinacional e intercultural. Além disso, contribui de forma mais efetiva com o cumprimento do ensino das culturas indígenas preconizado pela Lei nº 11.645, de 10 março de 2008.

Com a prospecção bibliográfica, notamos o aumento no número de estudos sobre a literatura indígena nos últimos anos, ainda que, esse seja um campo relativamente recente e ainda bastante afastado das escolas e universidades. Trabalhos desenvolvidos por diferentes pesquisadores, pertencentes a povos indígenas ou não, especialmente na área de Letras, buscaram traçar um perfil da literatura indígena, de maneira articulada ao seu contexto de surgimento, de modo a explicitar as principais motivações que os levam a escrever, bem como chaves de leitura úteis na análise dessa literatura.

Para dimensionar o universo e os conceitos chaves da literatura indígena brasileira, realizamos um levantamento das obras publicadas nas últimas décadas. Mapeamos os conceitos principais que expressam a singularidade da escrita indígena, onde constatamos uma fecunda simbiose entre tradição oral e cultura escrita. Neste aspecto, Daniel Munduruku (2017, p. 122) nos diz que “talvez possamos pensá-la em um movimento de transição em que oralidade e literatura criaram uma simbiose tamanha incapaz de haver separação ou anulação de uma pela outra”.

A literatura indígena oferece “uma alternativa de leitura do mundo, do tempo e da experiência de estar vivos”. (MUNDURUKU, 2020, p. 67). Identificamos categorias que nos abrem portas para adentrar ao mundo dos povos originários. Pensando com Paulo Freire, identificamos as seguintes palavras geradoras do universo literário indígena: oralidade, ancestralidade, memória, tradição, territorialidade; percepção da Terra como um elemento sagrado; a percepção circular do tempo; a valorização dos sonhos; a reverência aos mais velhos e aos espíritos da natureza; a narrativa dos mitos que transitam da tradição oral para escrita das palavras.

A partir das obras e dos conceitos que expressam a singularidade da literatura indígena, delineamos alguns roteiros para formação complementar de professores da Educação Infantil. Demarcamos três diretrizes: a literatura indígena como uma modalidade de Educação Ambiental que sensibiliza crianças e jovens para uma reconexão vital com o mundo de Pachamama; a literatura indígena como paradigma de visão de mundo que transcende à modernidade capitalista e “desperta” uma sensibilidade ambiental para ver e sentir o mundo natural que nos rodeia; a literatura indígena ensina a ouvir e reconhecer a dignidade e a sabedoria dos povos originários do Brasil.

A pesquisa foi conduzida em duas etapas. Na primeira etapa, foi realizada uma prospecção bibliográfica através dos estudos sobre literatura indígena, com vistas de compreender a atual situação editorial da produção literária e as posições teóricas dos pesquisadores. Os dados coletados nesse levantamento foram inseridos em um quadro bibliográfico onde constam artigos e livros publicados entre 2000 e 2020. No segundo momento, realizamos o levantamento e mapeamento das obras de literatura indígena. Em seguida, foram selecionadas algumas obras chaves, que foram analisadas através da técnica de fichamentos e discutidas durante os encontros do Grupo de Estudo, constituído por professores da educação básica, estudantes e professores de graduação e pós-graduação. Os dados sobre as obras levantadas foram inseridos em um quadro bibliográfico, onde aparecem informações sobre o autor, sumário dos livros, resumo e categorias teóricas principais. A partir da identificação e mapeamento das categorias, foram traçadas proposições de articulação com a formação de professores.

Pela revisão bibliográfica constatamos uma correlação entre o surgimento do Movimento Indígena brasileiro, por volta da década de 70 do século XX, e a emergência e difusão da expressão literária, fenômeno apontado por Dorrico, Danner e Danner (2018). O

contexto histórico do final do século XX foi um momento singular na História do Brasil, onde havia uma convergência de interesses de diversos setores da sociedade que viam ali, uma brecha para reivindicar seus direitos. Esse processo culminaria na redação da Constituição Federal de 1988, e no caso dos povos indígenas aqui enfocados, na escritura do Capítulo dos Índios, que obrigava o Estado nacional a realizar a demarcação das terras indígenas, principal objetivo da atuação militante dos povos indígenas naquele momento. Para Munduruku (2012), os primeiros líderes do movimento perceberam um “campo de possibilidades”, que tornava possível uma luta mais articulada em prol de direitos coletivos, que interessavam aos indígenas de diversas regiões. Nesse sentido, a apropriação por estes dos códigos impostos pela cultura hegemônica, foi fundamental na luta por seus interesses, a exemplo da terminologia “índio”, termo até então desprezado pelos povos indígenas, mas que, naquele momento, possibilitou um uso político, por aglutinar os interesses semelhantes das diferentes etnias.

Janice Thiel (2012) também fez um estudo sobre a literatura indígena brasileira e norte americana. Afirma que essas literaturas se caracterizam pela presença de textualidades variadas, que implicam no que a autora chama de multimodalidade discursiva. Thiel (2012) traça um panorama sobre os diversos discursos construídos sobre os povos indígenas a partir do viés colonial, impregnado de preconceitos e estereótipos. Dentre esses discursos, destacam-se especialmente a produção literária indianista, que tem como principal nome, José de Alencar. Esta literatura se relaciona ao contexto histórico de produção, o século XIX, momento profícuo para a difusão de um ideário de identidade nacional, que representava o indígena como “bom selvagem” ou herói romântico.

Aline Pachamama (2020) assume uma postura crítica a essa literatura, que situava o indígena no passado, e se afastava das lutas e vivência dos indígenas do período. Já o discurso indigenista, descrito por Thiel (2012), tem a pretensão de informar a sociedade sobre os povos indígenas. Ainda que os autores representantes tenham uma posição mais engajada, essa literatura parte da perspectiva ocidental, que pressupõe o indígena como informante, sendo estranha aos seus códigos e categorias particulares. A revisão proposta pela autora, traça imbricações entre literatura indígena e educação, visando especialmente as aulas de Língua Portuguesa do Ensino Médio, na qual esses textos possibilitariam a construção de uma narrativa contra hegemônica sobre a História do Brasil, e a História dos povos indígenas.

Apesar das restrições do mercado editorial e dos condicionamentos da estrutura eurocentrista que está bem sedimentada no sistema educacional brasileiro, a produção da literatura indígena cresceu significativamente nas últimas décadas. Na Bibliografia das publicações Indígenas do Brasil (2019) constam 60 autores, pertencentes a 27 povos. Além da publicação de livros em editoras já consolidadas - que dão espaço, em especial, aos autores mais consagrados - nota-se a disseminação da literatura indígena por parte de editoras e livrarias especializadas, a exemplo da Pachamama Editora, da Uk’a Editorial e da Livraria Maracá. O incentivo a essa produção literária, se dá também pela promoção de concursos literários, como o Concurso Tamoios, organizado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e

Juvenil em parceria com o Instituto Uka, que já está em sua 17ª edição.

As tradições indígenas concebem o tempo de forma diferente da sociedade ocidental. Para esses povos, o tempo não é entendido como algo linear, mas de forma holística e circular. De acordo com Munduruku (2020), o futuro não é algo considerado nas tradições indígenas, que destinam seus esforços para viver bem o agora. Portanto, na cosmovisão dos povos indígenas, viver é “ter os pés assentados no agora e o pensamento e o coração amarrados na Tradição, sabendo, que nossa permanência na Terra é uma dádiva, um “presente”” (MUNDURKU, 2009, p. 28). Além desses aspectos, a vivência indígena é significada através do ato de sonhar. Segundo Krenak (2019), os sonhos possibilitam um caminho de aprendizado e autoconhecimento, aplicado na interação com as outras pessoas.

Ideias como gratidão e reverência, são também parte da tradição indígena, postas em prática através de seus ritos e cantos. Essa tradição perpassa um olhar alternativo sobre a natureza e a Terra, vendo-a como elemento sagrado e portador de alma. Munduruku (2009) chama a Terra de “mãe”, Krenak (2019) chama as montanhas de avós, Kambeba (2020) personifica o Rio para contar sua história.

Cultura e pensamento indígena são outras formas de conceber, ver e estar no mundo. O pensamento indígena contesta a modernidade desenvolvimentista não porque é portadora de uma (ir)racionalidade primitiva, mas sobretudo porque percebe a irracionalidade mercantilista e autodestrutiva do modo de viver da cultura do homem moderno. Na cultura indígena, a floresta é muito mais que um simples potencial de desenvolvimento econômico (sustentável ou insustentável), é uma concepção de natureza como um igual, um familiar, um ser dotado de alma. É nesse sentido que se pode articular a literatura indígena com Educação Ambiental para uma formação complementar de professores da educação básica, principalmente da educação infantil.

Apesar de a questão ambiental ser uma pauta constante na atualidade, a visão e contribuição dos povos indígenas nesse aspecto é por vezes desconsiderada. Privilegiam-se a busca por referenciais teórico do Norte Ocidental e soluções de remediação a curto prazo, sem que se problematize a lógica do desenvolvimento socioeconômico, que se baseia em um modelo de exaustão da natureza. Propiciar e motivar a leitura que provoca uma sensibilidade ambiental em jovens e crianças, como no caso da literatura indígena, é uma porta de entrada para o mundo mágico dos povos originários. Conhecer um mundo onde os povos se identificam com a natureza, possuem um sentimento de pertencimento a Pachamama, possuem vínculos territoriais e ancestrais, e percebem o mundo como uma teia de conexões da comunidade de seres vivos do Planeta, é uma boa alternativa pedagógica para uma educação ambiental ecológica.

Além da questão ambiental, a literatura indígena mostra-se como um bom meio para se conhecer as culturas originárias, afastando-se dos estereótipos e incompreensões que limitaram o saber dos brasileiros sobre esses povos. Além disso, é uma boa oportunidade

pedagógica para uma Educação Ambiental mais humanista no sentido proposto por Paulo Freire e uma humanidade mais indígena no sentido proposto por Davi Kopenawa e Ailton Krenak.

No mais, o contato com a literatura indígena em sua formação, permite aos professores pensarem sobre a prática educativa, pelo viés das concepções indígenas de educação. Munduruku (2009) destaca a importância do respeito aos educandos e da valorização dos seus sonhos. Na tradição indígena, a educação se dá pelo afeto. Sendo o tempo indígena, o “presente” não se educa para o sucesso no mercado de trabalho, ou para o “ser alguém na vida”. Educar nesse sentido, é como “catar piolhos”, e exige que se viva o presente, ou seja, mais que aplicar um certo número de conteúdos no menor tempo, é preciso saber contar histórias e ouvir o que os educandos têm a dizer. Essas percepções podem contribuir na formação de professores da educação infantil e na formulação de novas práticas pedagógicas.

**Palavras-chaves:** Literatura Indígena; Educação Ambiental; Formação Professores.

## REFERÊNCIAS

- DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie. Indígenas em movimento, Literatura como ativismo. **Revista de Males**, Campinas, v. 38, n. 2, p. 919-959, jul./dez. 2018.
- DICKMANN, Ivo; CARNEIRO, Sônia Maria M. **Educação Ambiental Freiriana**. Chapecó: Livrologia, 2021.
- DORRICO, Julie. A leitura da literatura indígena: para uma cartografia contemporânea. **Revista Igarapé**, Porto Velho, v. 5, ed. 2, p. 107-137, 2018.
- DUSSEL, Enrique. **14 Tesis de ética: hacia la esencia del pensamiento crítico**. Madrid: Trotta, 2016.
- FRANCA, Aline; MUNDURUKU, Daniel; GOMES, Thulio (orgs.). **Bibliografia das publicações indígenas do Brasil**. 2019. Online. Disponível em: [https://pt.wikibooks.org/wiki/Bibliografia\\_das\\_publicações\\_indígenas\\_do\\_Brasil](https://pt.wikibooks.org/wiki/Bibliografia_das_publicações_indígenas_do_Brasil). Acesso em: 20 set. 2021.
- FULKAXÓ, Nankupé Tupinambá. **Entre cartas, crônicas e textos jornalísticos: o que fizemos com nosso povo?**. Camaçari, BA: Pinaúna Editora, 2019.
- JECUPÉ, Kaká Werá. **A terra dos mil povos: história Indígena brasileira contada por um Índio**. São Paulo: Petrópolis, 2000.
- KAMBEBA, Márcia. **O lugar do saber**. São Leopoldo, RS: Casa Leiria, 2018.
- KAMBEBA, Márcia. **Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade**. São Paulo: Pólen, 2018.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- MARQUES, Luiz. **Capitalismo e colapso ambiental**. 2. Ed. Campinas, SP: Editora

UNICAMP, 2016.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar** / Walter D. Mignolo; tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. 1. ed. rev. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

MUNDURKU, Daniel. **Coisas de índio: versão infantil**. 3ª ed. São Paulo: Callis, 2019.

MUNDURUKU, Daniel. **MUNDURUKANDO 1: Sobre saberes e utopias**. 2.ed. Lorena: UK'A, 2020.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando 2: Sobre vivências, piolhos e afetos: roda de conversa com educadores**. Lorena, SP: UK'A Editorial, 2017.

MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses: conversa sobre a origem e a cultura brasileira**. São Paulo: Global, 2019.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)**. São Paulo: Paulinas: 2012

PACHAMAMA, Aline Rochedo. Boacé Metlon: Palavra é coragem. In: DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco (Orgs.). **Literatura Indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. p. 26-40.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. 2ª ed. São Paulo: Uk'a Editorial, 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales – CLACSO, 2005, p. 117-142. Disponível em: [http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_QUIJANO.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf). Acesso em 22/05/2022.

THIÉL, Janice. **Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque**. Belo

KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: UBU Editora, 2020.

YAMÃ, Yaguarê. **Contos da floresta**. Ilustrações Luana Geiger. São Paulo: Peirópolis, 2011

YAMÃ, Yaguarê. **Cocarzinho Amarelo = Akãnitá'í Yuwa**. São Paulo: FELELI, 2021.